

OS DESERDADOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: análise das expectativas da clientela aos exames supletivos *

Maria Helena Bastos Hildebrand**

Este estudo se configura como uma tentativa de mostrar como a clientela aos Exames Supletivos de Educação Geral de 1º grau percebe a sua realidade social e educacional, analisando suas expectativas, seu projeto-de-vida e suas perspectivas futuras face aos resultados dos exames. O objetivo pretendido é alcançar uma melhor compreensão da problemática social e educacional que envolve a clientela aos exames supletivos, que possa servir de alerta às autoridades educacionais, já que os anseios e as perspectivas desse segmento da educação brasileira, na maioria das vezes, são analisados apenas como índices estatísticos – número de aprovados e reprovados.



* Este trabalho sintetiza algumas idéias desenvolvidas pela autora em sua dissertação de Mestrado apresentada aos Curso de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, em outubro de 1984, intitulada "Os Deserdados da Educação Brasileira: análise das expectativas da clientela aos Exames Supletivos", pertencentes à linha de pesquisa "Dinâmica da Educação no Brasil: seus determinantes sócio-econômicos, demográficos e político-ideológicos".

** Professora do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da UFRGS.

INTRODUÇÃO

"... o exame tem por função dissimular a eliminação sem exame...".

A Educação brasileira utiliza o exame em diferentes níveis e graus, constituindo-se em uma barreira escolar tanto para aqueles que seguem o ensino regular, no seu todo – exame vestibular, única forma de acesso ao 3º grau –, como para aqueles que buscam o Ensino Supletivo – forma de legalizar a escolarização não procedida na idade própria. Nas duas situações referidas, o exame elimina grande parcela de sua clientela, criando, assim, um afunilamento no acesso às oportunidades educacionais e ocupacionais.

Os exames supletivos, com a finalidade de minimizar os problemas criados pelos altos índices de evasão e repetência da escola, têm contribuído – em termos da sociedade brasileira, caracterizada por forte concentração de renda – mais para aumentar as discriminações, do que para igualizar as oportunidades.

A clientela dos exames supletivos de 1º grau é constituída por alunos excluídos do sistema de Ensino Fundamental regular e que se submetem aos rituais do sistema escolar não-formal, a fim de obter melhores condições de vida, seja material, seja "simbólica". O nível sócio-econômico do candidato e de sua família, os anos de escolaridade regular e a ocupação profissional são fatores que influenciam o desempenho – com sucesso ou fracasso – nos exames, bem como as motivações e sirações decorrentes de suas perspectivas e planos futuros.

O ESTUDO

A população foco foi constituída pelos candidatos aos exames supletivos de 1º grau de Porto Alegre, inscritos pela primeira vez para a realização das provas. O fato de selecionar candidatos inscritos pela primeira vez aos exames supletivos foi necessário para uma análise objetiva de suas expectativas, sem que estivessem as mesmas influenciadas por um sucesso parcial e/ou fracasso anterior. Optou-se, também, pela condição de estar o candidato inscrito em sete disciplinas. A escolha recaiu, ainda, sobre os exames supletivos de 1º grau, por ser este o grau definido por lei como obrigatório para a faixa etária dos sete aos quatorze anos, e por ser gratuito nos estabelecimentos oficiais, sendo considerado, por isso, o mínimo de escolaridade a ser alcançado por qualquer cidadão para um desempenho social adequado. No mercado de trabalho, a conclusão do 1º grau tende a representar o mínimo de escolaridade exigida como condição básica para o desempenho profissional, no setor urbano, em funções próprias das áreas secundária e terciária.

A pesquisa realizou uma abordagem quantitativa e qualitativa do fenômeno. A abordagem quantitativa, tendo como foco a configuração sócio-econômica da clientela, baseou-se em dados primários coletados através de uma ficha de levantamento sócio-econômico dos candidatos e em dados secundários de outras pesquisas e estatísticas oficiais. A abordagem qualitativa, que procurou conhecer e caracterizar as expectativas da clientela frente ao exame e suas aspirações, dificuldades e perspectivas, baseou-se em dados coletados através de entrevista informal, depoimentos pessoais de quarenta sujeitos – em diferentes faixas etárias, de ambos os sexos, trabalhadores ou não –, em três fases distintas, – pré, durante e pós-exames supletivos. São apresentados, também, dados sobre a demanda e o desempenho da clientela nos Exames Supletivos de Educação Geral do 1º grau, bem como um retrospecto da evolução da demanda no Rio Grande do Sul, no período de 1973 a 1983, comparando dados da capital com os do interior do Estado.

I. SNYDERS, 1977, p. 20

A clientela aos Exames Supletivos de Educação Geral do 1º grau – Porto Alegre em 1983 apresentou maior contingente de candidatos do sexo feminino; na faixa etária de 18 a 30 anos; com escolarização correspondente ao ginásio incompleto e status sócio-econômico baixo. Grande parte dos candidatos trabalha, exercendo atividades ligadas ao comércio e tarefas de escritório, predominantemente, e apresenta remuneração salarial de 1 a 3 salários mínimos. O ingresso no mercado de trabalho se dá com menos de 15 anos, sendo o abandono da escola devido à necessidade de trabalhar. A maioria da clientela frequenta cursos particulares como forma de preparação para a realização das provas.

EXAMES SUPLETIVOS: PERCEÇÃO E EXPECTATIVA DOS CANDIDATOS

A obtenção do diploma de 1º grau, através dos exames supletivos oportunizados pelo sistema educacional brasileiro, é a meta comum a ser alcançada pelos candidatos. A necessidade de ultrapassar essa etapa da educação liga-se às aspirações de melhoria de suas atuais condições de vida, tanto de ordem material como "simbólica", pois crêem que, através da volta aos estudos, com a obtenção de um comprovante de escolaridade (em muitos casos a confirmação da escolaridade realizada), certificado ou diplomas, possam ter uma credencial para competir na sociedade.

A retomada dos estudos vem associada à importância da aquisição de valores propiciada pela escola – "qualidades humanas e qualificações profissionais" – que lhes proporcionará melhoria das oportunidades de vida pessoal e profissional, conforme se pode constatar através dos depoimentos.

"dá para perceber de que quem não estuda não progride hoje em dia...".

O retorno aos estudos, através dos exames supletivos, é movido mais pela esperança da promoção social, da busca de melhoria das condições de vida atual, do que pelo fato de recuperar o tempo perdido, ou buscar um aprimoramento cultural. Os obstáculos que enfrentam para obter uma credencial de escolaridade (certificados de conclusão do 1º grau) serão compensados pelos benefícios que poderão advir, mesmo que não imediatos – acrescidos de outros papéis e títulos educacionais.

"... tenho medo de ser despedido porque não tenho profissão, não tenho estudo, nem diploma na mão. Só com o primário está difícil e o desemprego não está fácil".

"... se eu não estudar, eu vou passar o resto da vida como balconista e é uma coisa que não vai me levar a nada".

Crêem, também, que os critérios de valorização social residem, tão somente, nas credenciais educacionais; crêem que quanto mais estudo (diplomas, certificados), mais qualificados e capacitados estão para competir na sociedade atual.

Apesar dos candidatos reconhecerem que o diploma de 1º grau é importante para concorrer no mercado de trabalho, não representam a ilusão de que o mesmo vá alterar sua vida e/ou oportunidades profissionais.

"Eu acho que é muito importante (o diploma de 1º grau) porque qualquer emprego ou concurso que tu tentar, no mínimo o 1º grau tu tens que ter. O segundo é mais importante ainda. Eu não pretendo parar no 1º grau, mas eu tenho medo de não conseguir nem sair desse 1º grau".

"Só porque eu terminei o 1º grau não quer dizer que eu vá conseguir coisa melhor do que aqui...".

Os depoimentos evidenciam que raramente níveis mais altos de escolaridade, como o 2º grau, um curso técnico ou superior, modificariam substancialmente as atuais situações

profissionais dos candidatos. Assim, o diploma de 1º grau é uma garantia inicial, uma segurança que lhes possibilitará alcançar gradativamente outras posições na hierarquia social. No entanto, essa possibilidade de continuidade dos estudos está na dependência da conclusão do 1º grau, e o medo do fracasso e seus reflexos condicionam seus planos futuros.

O retorno aos estudos se dá através dos exames supletivos por apresentarem, segundo depoimento dos candidatos, "facilidades" ligadas ao tempo, ao conteúdo condensado, à não necessidade de frequência às aulas, à possibilidade de conciliar estudo com trabalho.

"... O meu tempo é escasso e eu pretendo recuperar todo o tempo que eu perdi, apesar de que isso é difícil".

Alguns candidatos percebem, embora não muito claramente, que o argumento do tempo mais rápido para concluir o 1º grau, através dos exames supletivos, é fictício. Realmente, constata-se que, apesar dos índices de aprovação nesses exames no Rio Grande do Sul serem em torno de 49%, somente 4% dos inscritos em 7 disciplinas são aprovados numa só tentativa, o que faz supor que não se sustenta a idéia de que os exames supletivos apresentam facilidades, ligadas ao tempo, em relação ao ensino regular e a outras modalidades de Ensino Supletivo.

Quanto ao conteúdo programático solicitado nos exames, os candidatos destacam a facilidade decorrente de eles serem condensados, portanto, menos matéria. Mas, observa-se que há controvérsia quanto a esse aspecto. Alguns afirmam que é exatamente no aspecto do conhecimento, na dificuldade em assimilar toda a matéria do programa que residem os obstáculos dos exames, constituindo motivo de reprovação para grande número de candidatos, conforme depoimentos a seguir:

"Porque é menos matéria. Se eu fosse fazer 7ª e 8ª série dava muito mais matéria por ano, dá inglês também, que eu não sou muito bom. No supletivo são 7 matérias que se tem que fazer ..."

As "facilidades" que os candidatos apontam como motivadoras e desencadeadoras da realização dos exames supletivos, na realidade, são elementos obstaculizantes das mesmas. Agem como mecanismos de eliminação daqueles que não possuem as "qualidades e qualificações" necessárias para a respectiva aprovação.

A maioria dos candidatos frequenta instituições ("cursinhos") que preparam, de forma sistemática, à realização dos exames. O "cursinho" preparatório aos exames supletivos é considerado condição básica para vencê-los, principalmente para aqueles que estão há algum tempo afastados do estudo.

Muitos candidatos apontaram a necessidade de fazerem o "cursinho" como uma forma de se atualizarem, de conhecerem os "macetes das provas" e de sistematizarem as matérias dos programas:

"... Se a gente não aprende em aula, em casa, sozinha, é que a gente não vai aprender ..."

Os candidatos são unânimes em afirmar que não basta o "cursinho" como forma de preparação aos exames. Destacam que é importante dedicar outras horas à reelaboração e fixação da matéria, se pretendem passar. No entanto, poucas são as horas dedicadas aos estudos, fora das aulas, exceto aos fins-de-semana, quando dispõem de algum horário para revisão da matéria dada durante a semana.

Os depoimentos são controvérsos quanto a esse aspecto. Assim como reconhecem a importância de dedicarem mais horas aos estudos, mencionam a falta de disponibilidade de um tempo maior para tanto, devido à ocupação profissional, da qual decorrem o cansaço e o conseqüente desencorajamento para estudar:

"Não dá coragem a gente trabalhar o dia inteiro, sair do serviço e ir direto para o colégio e sair do colégio e ainda estudar em casa. Não dá. Eu sei que seria bom, importante, eu até sinto vontade, mas quando chega na hora, eu acabo adiando".

Voltar a estudar significa enfrentar, novamente, as barreiras que provocaram o abandono da escola regular: aulas à noite, após um dia inteiro de trabalho; matéria dada superficialmente; falta de tempo para estudar; infrequência às aulas, o que prejudica a seqüência da matéria.

Acreditam, ainda, que as condições de sucesso nas provas residem nas condições pessoais - empenho no estudo e tranqüilidade quando da realização das provas. Consta-se, porém, ao longo dos depoimentos, uma contradição em seus argumentos, pois justificam como necessárias tais condições e, ao mesmo tempo, as consideram obstáculos. Assim como preconizam a necessidade de tempo para dedicar aos estudos, constatam que essa é a sua maior dificuldade, devido às suas ocupações profissionais. Dessa maneira, os exames supletivos destinam-se a uma parcela privilegiada da população que pode dispor de um turno para os estudos e, assim, preparar-se adequadamente para os exames.

O sucesso ou o fracasso nos exames supletivos são percebidos pelos candidatos como naturais, resultantes mais do empenho e responsabilidade individual, do que de um contexto sócio-econômico. Os candidatos têm dificuldade em analisar sua inserção de um ponto de vista mais amplo que o pessoal. Assim, as características individuais (interesses, tranqüilidade, postura atenta) são consideradas fatores determinantes dos resultados nos exames. Tal fato se justifica quando se constata que, pelo discurso dominante, a responsabilidade do sucesso ou fracasso escolar está colocada em nível individual e psicológico.

"Eu acho que eu me esforçando eu consigo, porque a gente com boa vontade, querendo passar, a gente consegue. Não há nada que a gente não consiga se esforçando. Com esforço e estudo a gente consegue".

A interrupção dos estudos por longo período de tempo; o trabalho; a exigüidade de tempo para a preparação dos exames; o número excessivo de provas por dia foram apontados como fatores que dificultam o sucesso nos exames supletivos.

O fracasso nos exames supletivos, segundo outro candidato, pode constituir-se em desestímulo à continuidade dos estudos ou a novas tentativas de retomá-los:

"Chegando a época das provas eu quero fazer para ver se eu me saio bem, e se eu não sair, eu vou parar definitivamente. É a última tentativa, esse curso, se não der resultado eu vou desistir, porque eu não vou insistir numa coisa que eu acho que não vou pegar mesmo".

O fracasso nos exames supletivos não é percebido, numa primeira tentativa, como desestímulo, na eliminação imediata do processo. A possibilidade de poderem recorrer a novas oportunidades garante-lhes o estímulo a um novo sacrifício, que será recompensado proporcionalmente - em medida infinitésima - ao sucesso. O tempo não parece ser uma variável determinante. As metas são estabelecidas em períodos mais longos; assim, um pequeno fracasso inicial não age como obstáculo para a consecução das demais tentativas.

Quanto ao conhecimento solicitado, os candidatos que trabalham não percebem claramente uma vinculação com o conhecimento adquirido pela experiência de vida e profissional. O conhecimento requerido nos exames apóia-se fundamentalmente na parte geral do currículo, que reforça um saber desvinculado da realidade social dos candidatos, e, conseqüentemente, inacessível a eles. O que o sujeito traz de sua experiência própria e vivenciada não é considerado.

Os candidatos percebem, portanto, a distância entre a experiência decorrente da realidade social vivida e o que é "ensinado" na escola e solicitado nos exames:

"... eu acho que não (há vinculação), porque o estudo é uma coisa diferente. Não ajuda muito não. Só no teste mesmo que a gente tem que fazer para entrar na Firma, só matemática mesmo é que precisava".

"... às vezes a gente aprende muito mais fora da escola do que dentro dela, dependendo... Eu acho que agora eu tenho mais capacidade para entender as coisas, para analisar, para julgar. Eu aprendi muito mais do que no colégio, onde a gente tem uma vidinha tranqüila".

Os candidatos acreditam ser o exame um instrumento natural de medida para a comprovação de posse e assimilação de determinados pré-requisitos necessários a qualquer ação ou função. No entanto, percebem-no como angustiante, despertando medo e ansios que dificultarão a sua realização. O ritual que o envolve (horários, conteúdos maciços, estrutura das provas, artimanhas nas questões, formulações vagas e dúbias) age como obstáculo à sua realização. Os candidatos que conseguem se aperceber desses mecanismos de seleção e se desprender deles obtêm melhores resultados nas provas.

"Eu estou acostumada, para passar de ano no colégio é preciso fazer uma prova, isso desde pequena a gente sabe. E para tudo, não é? Para entrar aqui (no serviço) é preciso fazer um monte de testes, para tirar carteira de motorista a gente é testado, é preciso fazer teste, todo mundo vive testando a gente. Eu acho que isto faz parte da rotina da vida. Eu acho que é válido, porque não adianta a gente fazer um curso, e no final, não testar a minha capacidade, os meus conhecimentos, não saber se eu realmente aprendi ou não. Talvez eu tenha aprendido e na hora me dê "um branco", mas isto é relativo".

O exame é percebido como um mecanismo legítimo de seleção dos indivíduos, que permite verificar quem possui o conhecimento "oficial" que possibilita ao indivíduo fazer parte dos selecionados socialmente. Esse fato permite constatar o conformismo ao sistema de valores da classe dominante, em que o exame é um dos legitimadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os depoimentos dos candidatos possibilitaram o levantamento de algumas considerações sobre o papel dos exames supletivos:

1 - Os exames supletivos representam um formalismo do sistema, para certificar uma escolaridade já parcialmente obtida no sistema regular, com poucos reflexos no projeto de vida do indivíduo, uma vez que seu desempenho social se faz sobre a bagagem trazida pela escola regular e pela experiência profissional. Os exames apresentam um significado "simbólico", pois a obtenção do certificado é um fim em si mesmo, não representando um amadurecimento instrucional natural.

2 - Quanto à percepção de que a escolaridade e sua certificação constituem a garantia de ascensão social e superação das dificuldades inerentes à situação sócio-econômica dos candidatos, assim como eles crêem no valor da credencial escolar, percebem também suas limitações, percebem as poucas condições de mobilidade profissional, devido à mínima escolarização que apresentam. O diploma representa mais uma segurança, uma mercadoria que lhes garante poder competir no mercado profissional, do que propriamente um sinônimo de ascensão social. Dessa forma, os exames supletivos reforçam a importância do diploma de conclusão de grau como atestado oficial de uma competência, embora tanto quem os possui quanto quem os fornece não estejam muito cientes disso.

3 - Os exames supletivos não se destinam àqueles que não tiveram acesso à escola regular, mas àqueles que não concluíram, sendo a suplência um prolongamento do sistema regular, com a função de complementá-lo, e fugindo, dessa forma, aos seus princípios estabelecidos. A suplência não está funcionando como mecanismo de redistribuição de oportunidades educacionais.

4 - Os exames supletivos mais reprovam do que aprovam, sendo, assim, mais um mecanismo de controle do sistema social para privilegiar poucos com o acesso a posições de prestígio e, dessa forma, manter e perpetuar a sociedade de classes.

5 - Os exames supletivos exigem de seus candidatos um preparo sistemático para a realização dos mesmos, como forma de garantir resultados significativos. No entanto, observa-se que o Estado, não propiciando condições de preparação à clientela desses exames, omite-se. Assim, apesar do Estado oportunizar mais uma chance "facilitada" - que, na realidade, mais reprova que aprova -, ele não proporciona tais condições; portanto, não favorece o desempenho dos candidatos.

6 - O fato de a grande maioria dos candidatos entrevistados freqüentar, de maneira assídua, "cursinhos" de preparação aos exames poderia ser levado em consideração pelas autoridades educacionais, no sentido de canalizar esse esforço para cursos regulares, como avaliação ao longo do processo. A maior flexibilidade de horários e currículos, e a possibilidade de freqüência a cursos regulares públicos, noturnos, poderiam atrair a clientela dos exames, que, dessa forma, teria um ensino de qualidade, mais adaptado à realidade de trabalhadores-estudantes.

7 - É de grande relevância o desenvolvimento de estudos sistemáticos sobre o ensino supletivo (cursos e/ou exames), a fim de manter uma análise crítica permanente de suas reais funções, seu desempenho e sua adequação às necessidades da clientela e da realidade social brasileira, bem como possibilitar uma atuação efetiva das autoridades educacionais na busca de alternativas adequadas, eficazes e eficientes, para essa parcela deserdada da Educação brasileira.